

Competição bárbara

RAUL PILLA

HA', por certo, na presente campanha presidencial norte-americana, um ponto alto e luminoso: o comportamento do candidato democrático, sr. Adlai Stevenson. Não procede êle como vulgar caçador de votos, a lisonjear o gosto e os interesses do eleitorado, senão como verdadeiro estadista, consciente de suas responsabilidades para com o país.

Descontada esta exceção — que os maliciosos poderão interpretar como requintada habilidade eleitoral — está-se desenvolvendo a campanha nos moldes conhecidos e inevitáveis de todos os pleitos presidenciais, onde o que importa é demolir o candidato adverso. Se Stevenson fugiu à contingência, pairando em alturas raramente alcançadas em qualquer país presidencialista, foê ele, vantajosamente substituído, na tarefa demolidora, nada menos que pelo próprio presidente da República.

E' realmente um penoso espetáculo o que agora nos apresenta a grande nação americana. De um lado Truman abandonando a curul presidencial, para voltar a ser o candidato eleitoral que sempre foi e costumam ser os candidatos à vice-presidência, pois êste foi o caminho com que êle chegou à presidência; do outro lado uma figura altamente respeitável como Eisenhower, um homem a quem não somente a pátria, mas também o mundo devem grandes serviços, arrasado pela rua da Amargura e obrigado à suprema humilhação de atenuar ou disfarçar o seu pensamento, para não afugentar os votos necessários à vitória. E, dominando tão terrível concêrto, o «leit-motif» da corrupção, de que mutuamente se acusam os dois partidos americanos e é natural consequência da irresponsabilidade característica do sistema político.

E' possível que Stevenson chegue à presidência sem lesões graves; mas, eleito ou derrotado, o grande Eisenhower — verdadeiro cidadão do mundo — terminará a campanha em estado de fazer pena. A tais resultados leva a bárbara competição, que alguns consideram a quintessência da democracia.

Que nos reservará a nós, brasileiros, a nossa próxima campanha presidencial?